



I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007



***O PERCURSO DO AMOR ROMÂNTICO E SEUS DESDOBRAMENTOS ATRAVÉS
DAS ERAS: ONTEM, HOJE E SERÁ QUE PARA SEMPRE?***

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a historiografia do amor que é um tema extremamente amplo e presente em nossas vidas considerando sua extensa variabilidade de formas e de manifestações. Observa-se que através dos tempos que a leitura do comportamento de amar depende do contexto e principalmente da cultura, sendo a relação de amor evidenciada de acordo com as relações que delas derivam que, a propósito, são múltiplas.

Introdução

Embora expresso de maneiras diferenciadas, o amor é sumamente importante para o desenvolvimento da personalidade e crescimento da humanidade. Contudo, será que todos aqueles que se entregam aos deleites dos afetos românticos sabem discernir corretamente a realidade que vivenciam, de maneira a poderem dizer se amam ou se simplesmente estão apaixonados? E, embora atualmente parem muitas dúvidas a respeito do que seja o amor, nunca dele se falou tanto. Confundido ou não com a paixão, tido como algo que se deveria aprender, cada qual aspira ao amor, a tal ponto que ele se tornou praticamente uma *performance* no cotidiano das pessoas (Almeida e Mayor, 2006).

Por muito tempo, buscou-se uma definição que fosse aceita por cientistas e pessoas do senso comum a respeito do que seria o conceito de amor. Em uma de suas prováveis origens, o termo ‘amor’ deriva etimologicamente, onde “a” significa “não”; e “mors” é sinônimo de morte. Portanto, o amor, nesta concepção etimológica, corresponderia a algo que transcenderia a morte. Contudo, devido as suas impropriedades conceituais para bem defini-lo deve-se admitir que escrever ou falar de amor é uma façanha cada vez mais árdua. Corre-se o risco de cair na banalidade, na ambigüidade, no espiritualismo ou até mesmo no sentimentalismo, de maneira que os literatos, pregadores, ou mesmo os cantores não são mais convincentes (Almeida, 2003).

O amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados muitas vezes à felicidade para o ser humano; diferiria da paixão por sua maior permanência. Dificilmente, a paixão resiste a mais de dois anos. Pode-se dizer, assim, que geralmente estar com o(a) mesmo(a) parceiro(a) por mais de dois anos seja um forte indício do amor presente cimentando a relação e que assim, o amor comporta adversidades enquanto, por sua vez, a paixão não.

Há que se ter em mente que o amor, a princípio, é uma crença emocional. Como toda e qualquer crença, “pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou



I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL Recife, 16 a 19 de outubro de 2007



abolida. Nenhum dos seus constituintes afetivos é fixo por natureza” (Costa, 1998, p. 12). Ao longo dos séculos, muitos pensadores manifestaram suas idéias a respeito do amor, quer ressaltando seu valor positivo e exclusivamente humano, quer identificando nele a expressão inefável da transcendência, ou ainda, tratando-o como meta inalcançável, e considerando-o como algo alienador e, portanto, execrável.

Entra-se em contato com o perfil amoroso de cada época por meio do que se é produzido em cada período: suas músicas, artes plásticas, literaturas, teatros dentre outras fontes orais e escritas (Murstein, 1988). Esses construtos refletem as visões do amor de cada época retratando suas peculiaridades. É claro que nem toda realidade é suscetível a se transmutar em obras como poemas, epopéias, ou ainda, pinturas. Contudo, mesmo os legados culturais transmitem suas ideologias particulares que acabam consolidando, muitas vezes, os ideais de uma época (Grimal, 1991). Percorramos agora a história desse conjunto de sentimentos, pensamentos e comportamentos que estão tão intimamente relacionados aos aspectos mais gratificantes da vida da maior parte dos seres humanos.

Pré-História (aproximadamente 1.600.000 a.C.)

Ainda que o amor seja uma pauta atemporal, as raízes do que se concebe do amor remontam aos povos das cavernas, que o retratavam em pinturas rupestres. Pesquisas indicam que o amor é um conceito universal, isto é, ele está presente em todas as culturas que se conhece (Vincent, 2005).

Entretanto, apesar de todas as pesquisas e descobertas, ainda paira uma sensação de que a evolução, por algum motivo, deu-se no sentido de que surgisse o amor não-associado à procriação como advoga veemente a etologia, ciência que se ocupa de estudar o comportamento de pessoas e animais em suas origens. Calcula-se que isso deva ter acontecido há aproximadamente 10.000 anos e que tenhamos herdado este legado amoroso. Dessa forma, os homens passaram realmente a amar as mulheres, não como meras reprodutoras, e algumas destas passaram a olhar os homens como algo mais além de provedores para o sustento de si mesmas e de suas proles.

Idade Antiga (...? -- 395 a. C.).

Das primeiras civilizações letradas, como no Egito, na China, na Grécia e em Roma, até em sociedades pré-letradas, como em sociedades indígenas americanas, australianas, da Índia, da Indonésia e das ilhas do Oceano Pacífico, há diversos relatos e registros explícitos



I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007



que apontam que se conhecem o amor e seus efeitos, tão bem como nas sociedades pré-letradas, manifestações culturais que expressavam as vicissitudes do mesmo.

Usualmente, o amor manifesto entre um homem e uma mulher era expresso por meio de rituais sociais, sobretudo, o casamento. Não é conhecido um agrupamento humano no qual não vigorem os laços duradouros do casamento, ainda que com um delineamento diferente do qual o concebemos contemporaneamente. Grupos promíscuos diminutos surgem ocasionalmente, como proposta alternativa para o convencional matrimônio, mesmo porque a família tal qual atualmente concebemos remonta ao séc. XVIII. O que se evidencia, então, é que em nenhum dos grupos a promiscuidade é assumida como norma.

Do Egito, há aproximadamente 1500 anos a.C., temos retratado em papiros os remotos cânticos amorosos (Montet, 1989). Ainda no Egito, no ano 1000 a.C., o amor já era retratado como um esmagamento do eu e, portanto, semelhante a uma espécie de doença (Malinowski, 1970; 1955).

Mudando de cenário histórico-social, segundo Joppert (1979) e Watson (1969), na China, na época da Primeira Dinastia Shang (séculos XVIII-XII a.C), os primeiros poemas de amor foram compostos. Na Grécia e em Roma, com uma produção mais expoente, temos inúmeras crônicas amorosas, como a lendária devoção de Penélope e a paixão de Dido por Enéas. Todavia, ao contrário do que se observa atualmente, os homens gregos geralmente não nutriam amor por mulheres (Grimal, 1991; Hendrick & Hendrick, 1992). Independentemente disso, o amor era uma temática muito importante para sua filosofia (Philippe, 1999). Eles ideavam o amor como uma força unitiva e harmonizadora e a compreenderam sobre o fundamento do amor sexual, da concórdia política e da Amizade (Abbagnano, 1970). Hesíodo, com sua *Teogonia*, e Parmênides de Eléia (século V a.C.), foram os pioneiros ao sugerir que o amor é a força que impulsiona as coisas, que as conduz e as mantém juntas. Empédocles (século V a.C.), reconheceu o amor como a força que conserva unidos os quatro elementos e a discórdia a força que os separava. E, sob este prisma dual, afirma também que todo o universo era regido pelo amor e pelo ódio. “Em certos momentos, o universo se unifica e se ordena: é então o amor que o governa” (Philippe, p. 17, 1999). E será Platão (427-347 a.C.), que contribuirá para a historiografia do amor com o primeiro tratado filosófico amoroso intitulado “O Banquete”; nesta obra, assume-se e se conserva os caracteres do Amor-eros¹ e, concomitantemente, tais caracteres são generalizados e sublimados.

¹ O “eros” é fundamental para a sua obra, que não compartilha de uma conotação sexual, como atualmente se pensa ao se tratar deste termo.



I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL Recife, 16 a 19 de outubro de 2007



Outras contribuições para a filosofia não menos importantes para amor grego foram as de Aristóteles (384-322 a.C.), que direciona o seu olhar sobre o amor, mas não do ponto de vista erótico, mas como *philia*, o amor de Amizade. Uma vez traçado o panorama da filosofia grega do amor, pode-se analisar o desenvolvimento da filosofia do amor segundo os primeiros padres da Igreja. Dessa forma, para a Idade Antiga o amor e a paixão nos diversos lugares são ora vistos com uma maior aceitação por serem considerados algo que é benéfico até para a ascese humana e ora ameaçador para a sobrevivência da própria espécie.

Idade Média (395 d. C. – 1453 d. C.).

Com o advento do Cristianismo, a noção de Amor-*agaphe* é evidenciado e apontado como uma realidade absoluta e primordial que dominará a mentalidade amorosa da alta Idade Média e toda a mentalidade ocidental, até a revolução cultural ocorrida entre 1500-1700. Outras visões foram negadas e até reprimidas. Fundamentadas nestas e em outras concepções correlatas, “a Idade Média certamente conhece o peso do pecado e com freqüência vive entre o temor e tremor” (Gandillac, 1990, p.198). Brown (1990) aponta que isso aconteceu, pois a elite romana era sensível aos apelos de moderação e contenção sexuais, e a opinião popular estava cheia de histórias de castigos que afligem o mundo por culpa dos maus indivíduos.

E ao se falar de amor, um pensamento acorre à mente: e o casamento? Na Idade Média, o casamento, tinha uma diretriz diferente da qual se tem hoje por referência. Algo que desse uma vazão aos sentimentos, como amor, era considerado impróprio para o casamento (Batten, 1995). Nesta época, não havia o incentivo, mas sim a repressão dos sentimentos considerados como voluptuosos e corruptores da alma; portanto, a relação matrimonial não deveria ser o lugar para o amor carnal ou a paixão².

Na realidade, o casamento era uma instituição que visava à estabilidade de uma sociedade, e desempenhava apenas a função da reprodução, união e manutenção de riquezas, assim, dando continuidade à estrutura. A partir do momento em que o amor aparece no casamento, esses sustentáculos, como a reprodução e união de riquezas foram relegados a um segundo plano, ameaçando toda essa organização social. Afinal, quando um casamento acontece simplesmente por amor, não há mais interesse, aprioristicamente, em reprodução ou na união de riquezas. Contudo, consoante clérigos e monges desse período, apesar das

² A Igreja considerava o casamento um sacramento precioso, e embora houvesse uma misoginia eclesial medieval, pois consideravam a mulher como sendo a tentadora primeira, a Igreja defendia o matrimônio com denodo (Bloch, 1995). O consenso medieval eclesástico assentava-se na declaração de São Jerônimo, segundo a qual aquele que amasse de modo demasiado ardoroso a própria esposa seria considerado um adúltero.



**I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007**



diversas proibições da Igreja, a afeição, a ternura, o amor e a felicidade entre os cônjuges não eram lesados. Partiam do exemplo da Virgem Maria e José que, mesmo sem terem relações, foram felizes, apenas se amando, auxiliando-se e sendo fiéis um ao outro. O amor e a afeição, eram muito mais uma consequência do casamento do que uma causa (Duby, 1989).

E quanto à gênese do amor cortês ou "*l'amour courtois*"? Segundo Hendrick e Hendrick (1992), o amor cortês vigorou, aproximadamente no século XII, embora tenham sido semeadas as primeiras manifestações alguns séculos antes. E, de acordo com Heer (1976), a transmissão de herança na Europa da Idade Média, deixava sem dinheiro, poder e propriedades todos os filhos mais jovens dos senhores feudais. O legado da herança tinha como base o parentesco lateral (irmãos, irmãs) e não vertical (filhos, filhas). Assim, os 'pobres' jovens nobres somente tinham a oportunidade de ascenderem socialmente e de se enriquecerem ao se casarem com noivas ricas. É desta massa econômica desvalida que surgirão os cavaleiros que se servirão do amor cortês e da poesia trovadoresca rumo à sua escalada aristocrática feudal. Assim, o amor cortês é essencialmente aristocrático. É reservado às elites que freqüentam as cortes, considerado uma ocupação de ociosos, libertos de qualquer preocupação material.

Nem a burguesia nem ao menos a figura da mulher popular merecem as atenções devotadas à dama, que só poderia ser uma castelã. E, nesse sentido, tal feudalismo amoroso, no plano afetivo e sexual, traduz a mentalidade de toda uma classe (Bonnassie, 1985). Será Guilherme IX, duque de Aquitânia e conde de Poitou, nascido em 1071, o primeiro dos trovadores. Ao que parece suas canções de amor, em novo estilo, difundiram-se por toda a Provença, onde mantinha a sua corte, e posteriormente acabaram conquistando toda a Europa. Nas palavras de Heer: "O amor cortês era uma maneira aceitável de rebeldia contra os costumes sociais dominantes e era conscientemente adotado para servir a este fim" (Heer, 1976, p. 172).

Paulatinamente, o amor começou a ser uma condição boa para o casamento. O século XII é marcado por uma grande mudança em vários aspectos da Idade Média. O casamento e o amor não são exceções. Podem-se observar mudanças nas concepções sobre o amor no casamento com o monge Bernardo de Clairvaux: "o amor não requer nenhum outro motivo, além de si mesmo, e não busca frutos. Seu fruto é o gozo de si próprio" (Casey, 1992, p. 95). Nesse mesmo período surgem as histórias do denominado amor cortês, que propagaram o amor carnal, material, e também puderam reforçar a imagem do amor proibido, e que, portanto, não deveria existir no casamento, considerado sagrado. Assim, de acordo com Le Goff: "O amor cortês foi antimatrimonial" (Le Goff, 1982/1984, p. 117).



**I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007**



A partir de então, ao menos na literatura, o amor "é algo de extraordinário poder, que termina por destruir as pessoas; não representa um modelo para a conduta social" (Casey, 1992, p. 129). Esposas infelizes, desprezadas, começam a buscar consolação fora de casa, com outros homens. O mundo foi se tornando mais liberal, mesmo que contra a vontade da Igreja. Adultérios, pecados entre cônjuges, contracepções aconteciam com maior frequência. Isso mostra uma emancipação dos valores vigentes por meio da exaltação dos sentimentos do indivíduo que para satisfazer-se corre atrás dos seus objetivos, mesmo indo contra a Igreja ou contra o comportamento social padrão.

Aproximadamente no século XV (fins da Idade Média), na literatura, surgem casais que apesar de fazerem uso carnal do casamento, seguiam as normas da vida cristã e respeitavam suas regras (Macfarlane, 1990). Esse tipo de atitude era aceitável, porém não era a ideal para a Igreja. E apesar de algumas mudanças desde o século XII, e uma maior tolerância por parte da Igreja, nos finais da Idade Média o amor carnal continuou sendo condenado, visto como algo proibido, sobretudo, dentro do casamento (Copplestone, 1997).

O que foi anteriormente exposto evidencia como a concepção do amor proibido permanecia forte nos finais da Idade Média. Até mesmo na Idade Moderna, o amor continuou a ser encarado como uma condição não muito interessante, ao menos, sob uma égide econômica, e, assim, não chegou a ser tão importante para a realização de um casamento, apesar do consentimento ganhar cada vez mais espaço até se tornar o principal passo para a união de um casal ao final da mesma.

Renascimento e Idade Moderna (1453 – 1789).

No decurso de tais acontecimentos, sobretudo graças às grandes navegações que ampliam as riquezas e os referenciais culturais, a nobreza tem um enriquecimento e, assim, torna-se mais liberal perante os filhos. O medo de dissipar as fortunas devido ao grande número de filhos vai desaparecendo e as famílias começam a permitir o casamento dos filhos que não quisessem seguir a carreira eclesiástica.

Uma vez estabilizado o amor que a partir de então começou a ser convencionalmente conhecido por romântico como forma de conduta emocional na Europa, foram atendidos os anseios de autonomia e felicidade pessoais para a classe burguesa, legitimando-a no poder. "Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com ideais coletivos" (Costa, 1998, p.19).



**I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007**



Em relação ao matrimônio, Priore tece um panorama: “Os casos de casamento contraídos por interesse, ou ainda, em tenra infância somados a outros em que idiossincrasias da mulher ou do marido revelam o mau estado do matrimônio, comprovam que as relações sexuais no sacramento eram breves, desprovidas de calor e refinamento” (Priore, 2006, p. 37). Sobretudo, na época do Brasil colonial, os homens desta época tratavam suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e destituídas de manifestações de afeto e, dessa forma, tanto nos temas amorosos dos romances que circulavam nas colônias, quanto na vida real, os amantes não realizavam seus desejos (Priore, 2006). Dessa forma, vemos se aquilatar pelos tempos amantes cada vez mais insatisfeitos com a sua vida sentimental.

Entre quatro paredes a situação não era melhor: havia uma série de interdições que impediam que os cônjuges, sobretudo as mulheres, desfrutassem do prazer sexual. A nudez completa só começa a ser praticada a partir do início do século XX, antes disso, somente sexo no bordel. Usava-se a posição de missionário com o homem por cima e a mulher por baixo. Os casamentos, ainda por essa época, eram todos realizados dentro das mesmas etnias, porque a consciência étnica era muito forte.

A posição da Igreja era unânime: condenava todo o amor profano, considerando-o uma antítese do amor sagrado e, nesse sentido, a Igreja renascentista e moderna estava sendo anacrônica nos tempos em que estava inserida. Contudo, esse quadro mudava aparentemente com as pessoas menos abastadas. Como não havia o aspecto pecuniário envolvido na trama rumo ao altar, o carinho e o amor são aspectos que se destacavam nos casamentos de pobres e de pessoas libertas. Talvez por isso estas uniões não se desfizessem com facilidade.

A especulação teológica sobre o amor retorna no platonismo renascentista, e, desta vez, acentua a reciprocidade do amor entre Deus e o homem, conforme a tendência própria do Renascimento de insistir na dignidade do homem como tal (Abbagnano, 1970). A partir da “Era das Navegações”, o amor ganha contornos de romantismo derivados do período anterior e, em uma fase de transição, para incorporar alguns elementos do romantismo literário, vai se tornando cada vez mais globalizado.

Idade Contemporânea até os dias atuais (1789 – até os dias atuais)

Ao avançarmos na linha temporal dos acontecimentos, observamos que a concepção do amor mudou muito. Fatores como o movimento literário romântico, a era vitoriana, a gênese da Psicologia como ciência, sobretudo, a Freudiana (com seus questionamentos a respeito da sexualidade), sem é claro, menosprezar as contribuições daquelas que puderam



I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007



desvelar, ao menos parcialmente, os sentimentos, foram muito importantes para se mesclar à historiografia amorosa existente e compor o panorama amoroso que temos contato.

Morton M. Hunt, em seu livro “*The Natural History of Love*”, retratou o século passado como a “Idade do Amor”. Este autor se justifica dizendo que nunca em nenhuma outra fase da história da civilização houve uma proporção tão vasta da humanidade que tenha dedicado tão elevada consideração ao amor nas suas mais diversas formas para expressá-lo como naquela (Hunt, 1959). Contudo, ao que parece, essa é uma tendência que tende a se proliferar. O amor é um dos principais requisitos para o casamento nos países ocidentais. Paulatinamente o amor está se tornando cada vez mais uma condição *sine qua non* para uma vida satisfatória e plenamente realizada, ao menos na concepção dos que o buscam.

Hoje muito as formas de relacionamento: (e.g. “o ficar”, “o morar juntos”, o fenômeno dos “casamentos-relâmpago”) e também diversos são os recursos que as pessoas podem acorrer na hora de pensar em estabelecer um relacionamento amoroso ou mesmo realizar sua manutenção: salas de bate-papo, msn, orkut, telefones celulares, *paggers*, e muitos outros. Ao contrário dos outros séculos, uma novidade que veio para interagir com a questão dos relacionamentos amorosos é a participação da rede *internet* no cotidiano, sobretudo no que diz respeito aos relacionamentos amorosos.

Mais do que um fenômeno circunscrito aos adolescentes, ou ainda, a adultos solitários, os relacionamentos românticos via *internet* tendem a se expandir em um futuro próximo. Observa-se que o acesso a *internet* modificou dramaticamente o domínio do romântico e, possivelmente, esse processo irá se acelerar no futuro. Tais alterações mudarão inevitavelmente as formas sociais atuais, como o casamento, a coabitação, as práticas românticas correntes relacionadas à sedução, sexo casual, namoros e a noção de exclusividade romântica. Podemos esperar um relaxamento das normas sociais e morais; esse processo não deveria ser considerado uma ameaça, pois não são as modificações *on-line* que põem em perigo os relacionamentos românticos, mas nossa falta de habilidade para nos adaptarmos a elas.

Conclusão

O amor entre duas pessoas não é um fenômeno local, ou ainda, contemporâneo. Os arroubos românticos remontam ao mais longínquo dos tempos. E, pelo que vimos, há uma longa história para o que se concebe por amor na atualidade. Como uma conclusão, pode-se observar que, embora sejam grandes as diferenças entre as concepções amorosas da Grécia Antiga até a Idade Contemporânea, Costa (1999) evidencia um paralelo em comum: “o amor



**I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007**



sempre buscava um Bem objetivo, independente do sujeito: o Supremo Bem greco-romano; o Deus cristão, A Dama do amor cortês; ou a posição social nas artes da sedução e da galanteria no Renascimento e nas sociedades de Corte” (Costa, 1999, p. 41), e assim por diante. Em suma, segundo Rougemont (1988) a teleologia amorosa vinha do objeto contemplado. E todos estes fatores configuram e servem de *background* para o que se concebe atualmente sobre o amor.

Não podemos inferir, contudo, se as pessoas de épocas remotas que nos precederam utilizavam concepções próximas às nossas na tentativa de descreverem o que convencionalmente identificamos como amor. E, certamente, a evolução do que se concebe por amor mudou e continua a mudar constantemente, e acompanha o pensamento das pessoas da época na qual ele está inserido.

Nas palavras de Grimal, o amor “está sujeito a modas” de forma que se pode dizer que “no reinado de Luís XIII não se amava como na época de Carlos X” (Grimal, 1991, p. 1). O que se ressalta, então, são as particularidades de cada época e a história de cada pessoa que se fundem, produzindo uma configuração diferente de outra história amorosa. Dessa forma, o amor de cada época não deve ser julgado valorativamente, tendo-se em vista que os desdobramentos amorosos como tal não são atinentes à égide de uma única moral reducionista. Em outras palavras, há formas e formas de amor e deve-se reconhecer a legitimidade de cada uma delas.

Referências

- Abbagnano, N. (1970). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, pp. 35-47.
- Almeida, T. (2003). *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões*. São Carlos: Departamento de Psicologia. Trabalho de conclusão de curso.
- Almeida, T. & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Orgs.), *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar* (vol.5, pp. 99-105). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Bloch, R. H. (1995). *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Bonnassie, P. (1985). *Dicionário de História Medieval*. (J. G M. Fagundes, trad.). Lisboa: publicações Dom Quixote.
- Brown, P. (1990). *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.



I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA
SOCIAL E CULTURAL
Recife, 16 a 19 de outubro de 2007



- Casey, J. (1992). *A história da família*. (S. Bath, trad). São Paulo: Ática.
- Copplestone, T. (1997). *Vida e obra de Hieronymus Bosch*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. (5a ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Duby, G. (1990). *Idade Média, idade dos homens do amor e outros ensaios*. (J. Batista Neto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Duby, G.; Ariès, P. (1990). *História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gandillac, M. (1990) O amor na Idade Média. Em A. Novaes (Org.). *O Desejo*. (pp. 197 – 208). São Paulo: Companhia das Letras.
- Heer, F. (1976). *The Medieval Word: Europe 1100-1350*. Nova York: Mentor Book.
- Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (1992). *Romantic love*. Newbury Park/ London/ New Delhi: Sage Series on Close Relationships.
- Grimal, P. (1991). *Amor em Roma*. (H. F. Feist, trad). São Paulo: Martins Fontes.
- Murstein, B. I. (1988). A taxonomy of love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 13-37). New Haven, CT: Yale University Press.
- Priore, M. D. (2006). *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Joppert, R. (1979). *O Alicerce cultural da China*. Rio de Janeiro: Avenir.
- Lê Goff, J. (1984). *A civilização do Ocidente medieval (vol. 2.)*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Macfarlane, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra - 1300/1840*. (P. Neves, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Malinowski. B. (1970). *La Vie Sexuelle des Sauvages du Nord-ouest de la Mélanésie*. Paris: Payot.
- Malinowski. B. (1955). *Sex and Repression in Savage Society*. New York: Meridian Books.
- Montet, P. (1989). *O Egito no tempo de Ramsés*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Murstein, B. I. (1988). A taxonomy of love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 13-37). New Haven, CT: Yale University Press.
- Philippe, M.D. (1999). *O amor: na visão teológica, filosófica e mística*. (C. M. Souza, trad). Rio de Janeiro: Vozes.
- Priore, M. D. (2006). *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Rougemont, D. (1988). *O amor e o ocidente*. (P. Brandi; E. B. Cachapuz, trads.). Rio de Janeiro: Guanabara.